

reflexões sobre
ARTE visual
Edição especial – janeiro 2023

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Uma Foto e as Mil Palavras...



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição Especial:

Reflexões janeiro 2023 – Uma Foto e as Mil Palavras.

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa:

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.



Esta foto, de autoria da fotojornalista Gabriela Briló, estampada na primeira página da Folha de S. Paulo do dia 19 de janeiro de 2023, motivou um debate polêmico tanto em torno desta imagem quando de sua veiculação pelo jornal.

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 102 • Nº 34.259

QUINTA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 2023

R\$ 6,00



Foto feita com múltipla exposição mostra Lula apertando gravata e vidro arriado em ataque

No foco de Lula, presença militar no Planalto é recorde

Até novembro havia 1.231 membros das Forças cedidos à Presidência; 13 são exonerados do GSI, alvo de desconfinança

Alvo de críticas de Lula Início da Silva (PT) após os ataques do dia 8, os militares chegaram ao fim de 2023 com presença recorde dentro do Palácio do Planalto. Segundo dados oficiais, até novembro estavam requisitados e cedidos à Presidência 1.231 membros das ativas das Forças Armadas. O número é 25% maior que o contingente de novembro de 2018, sob Michel Temer (MDB), e reflete a estratégia de Jair Bolsonaro (PL) de recorrer aos militares para vários setores do governo. Não estão incluídos militares da reserva, aloca- dos pelo ex-presidente até em chefia de ministérios. O Planalto exonerou 13 mi- litares do Tabuleiro de Segr- rança Institucional, respon- sável por proteger Lula. Ou- tros 42 que atuavam no Pa- lácio da Alvorada já tinham sido dispensados. **PAUSA 44**

Ex ministro Anderson Torres se cala durante depoimento à PF 25

Juliano Spyer Desbolsonizar a fé evangélica

Quem está disputando o controle das igrejas com o bolsonarismo evangélico moderado. São fiéis e lideranças que abra- çaram a missão de man- ter o diálogo aberto com seus pares, para não en- trar nas igrejas para a es- trrema direita. **CONDOMÍNIO 34**

Americanas tem um terço de sua dívida com bancos públicos

Instituições públicas concentram um terço (R\$ 6,4 bi) da dívida das Lojas Americanas. Para reduzir perdas, a hebra- cacia Genial da Unilever deve ingressar como parte interessada no processo de recuperação da companhia. **MENSALISTA 44**

Governo costura no Congresso apoio à reforma tributária

126

Petista critica meta atual de inflação e autonomia do BC

A autonomia do Banco Central foi classificada como "bolsonarista" pelo pre- sidente Lula (PT), que afir- ma ser essencial a meta de inflação hoje em 1,25%. Segundo ele, o objetivo obriga o BC a implemen- tar arrocho econômico desnecessário. **MENSALISTA 47**

8 de janeiro foi início de golpe de Estado, afirma presidente

O petista declarou que não teria visitado a São Paulo se tivesse sido informado da previsão de ataques. Segundo Lula, Jair Bolso- nara (PL) "queria voltar ao ar em um momento que não estava preparado". Desde 30 de dezembro nos EUA, ex presidente anula alugar a estadia. **PAUSA 46**



QUEDA DE HELICÓPTERO NA PERIFERIA DE KIEV MATA MINISTRO DO INTERIOR DA UCRAÍNIA E AO MENOS OUTRAS 13 PESSOAS

Destruição da aeronave, em que estavam Denis Monastirski e outras autoridades, na escola onde caiu; a pasta investiga se o desastre, que também deixou 12 feridos, foi sabotagem. **MUNDO 412**

esporte B7
Ultramaratonista Fernanda Maciel quebra recorde de corrida na Antártida

Ilustrada C1
Filme 'Babilônia' mostra drogas, sexo e decadência em fim do cinema mudo

guia C7
SP tem programação de férias com arte, esporte e diversão para levar as crianças

turismo C8
Conhecida por vinhos malbec, Mendoza aposta em brancos, espumantes e rosés

Fundo Amazônia pode ir a US\$ 10 bi, diz Marina
Marina Silva (Nelo Anibal) enviou à Folha, em Da- vos, que o Fundo Amazônia pode captar US\$ 10 bilhões e até superar valor. Fórum é tido como local para prospectar recursos. **44**

Jacinda anuncia renúncia como primeira ministra da Nova Zelândia 411

EDITORIAIS A2
Rumos da Fiesp Sobre comando e modelo de operação da entidade. **Agora em Israel** Acusa de projeto de Netanyahu contra o Halcidário.

Vincela Norton, em Mendoza, na Argentina 404

Com base na polêmica que tal publicação gerou, resolvi produzir esta Edição Especial. A primeira de 2023. A única edição especial que fiz antes foi a de 2022, em novembro, cujo assunto foi o gol emblemático, na copa do mundo, de Richarlison que nomeei de *O Voo do Pombo: uma questão de ponto de vista*. O motivo para edições especiais é a emergência de um assunto que, se não for tratado no momento, perde o sentido.

No dia 19 de janeiro de 2023, a Folha de S. Paulo publica em sua primeira página, na parte superior esquerda, uma imagem que mostra o presidente do país atrás de um vidro fragmentado sugerindo um tiro feito em sua direção. A tensão social advinda dos ataques predatórios aos prédios dos Três Poderes da República, que causaram prejuízos simbólicos, materiais e institucionais, merece uma edição especial.

Segundo a autora da imagem, o processo utilizado foi a “técnica de múltipla exposição”, como afirma: “vastamente utilizada no fotojornalismo e existe desde o analógico” que consiste em sobreposição de imagens num mesmo fotograma, sem pós-edição, como disse: “tudo feito no olho, na câmera”. Explicações dadas por ela no site da própria Folha de S.Paulo.

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/01/foto-de-lula-com-vidro-trincado-mostra-que-planalto-resiste-apos-barbarie-em-brasilia.shtml>

Contrapondo a estas justificativas trago a posição do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros – FENAJ, no que em seu Art.12, à respeito à conduta e comportamento profissional: “*V - rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações;*”

https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf

As mesmas restrições e recomendações profissionais aparecem no Capítulo III – do Código de Ética da Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos no Estado de São Paulo – AFOC-SP, no inciso V: *“rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações”*;

Tanto num código quanto noutro quaisquer tipos de manipulações devem ser rechaçadas e, se houverem, devem ser informadas ao público. Neste sentido, não há ruptura com esta diretriz já que a legenda da foto publicada explica que a imagem é resultante de “dupla exposição”, logo, não há descumprimento, por parte da fotojornalista, dos referidos Códigos de Ética aos quais está submetida.

Manipulação fotográfica é toda e qualquer intervenção que altera ou adultera a condição original de uma imagem, quer seja na sua tomada ou posterior a ela. O que não significa que manipulação seja apenas algo que ocorre “fora” da câmera, mesmo porque hoje em dia as câmeras digitais tem alta capacidade de editoração de imagens, o que era muito menor quando as câmeras eram analógicas.

O processo explicado pela autora compreende duas tomadas fotográficas: uma captou o estilhaço da janela e outra que captou o presidente num mesmo fotograma gerando uma terceira imagem que não é nem uma nem outra, mas uma construção ótico-digital resultante da superposição das duas. Portanto são dois conjuntos de informações diferentes juntadas para criar um terceiro cujos sentidos são completamente diferentes das outras duas.

Enquanto uma mostra uma vidraça quebrada por impacto de algo que pode até ser de uma bala, a outra mostra o presidente com a cabeça baixa, sorrindo, ajustando a gravata num momento descontraído. Como se vê, duas fotos comuns. Contudo ao superpor estas duas surge uma imagem e um novo contexto: o da agressão. Por mais que se queira desviar a tensão e atenuar o sentido, o estilhaçamento situado na altura do coração não deixa.

A ideia de primeiro plano assumida pela imagem do estilhaçamento conduz o olhar e o percurso narrativo. Só depois de um olhar mais atento e cuidadosos que se desfaz o impacto inicial e se reorganiza o sentido. A partir deste momento é que a leitura, originariamente tensa, diminui a tensão e busca o verdadeiro sentido: uma ilusão, o antigo *Trompe-l'oeil*, a técnica de enganar a vista...

Independente disto, há que se admitir a existência de manipulação de dados informativos na construção da imagem em pauta, seja ou não admissível pela “liberdade poética” aceita pelos códigos de ética como “justos”, ressalvada a informação ao público. O que ocorreu foi uma manipulação intencional realizada pela fotógrafa, usando recursos da câmera, criando uma imagem “irreal”, que não representa um fato ou evento.

Ao superpor duas imagens tomadas em momentos diferentes, pode-se dizer que não se trata mais de um registro de um fato ocorrido, mas sim da construção de uma narrativa, cujos significados vão além da responsabilidade documental da jornalista. O fato de alterar os dados informativos mediante a superposição de duas imagens tomadas em momentos e ângulos diferentes ao acontecimento, merece maiores reflexões.

Devo esclarecer que, embora o meu interesse principal seja a Arte Visual, não me são estranhas as questões midiáticas. O tema de minha tese de doutoramento na PUC/SP foi justamente a produção de sentido no uso de imagens no contexto da mídia impressa. Fui professor de Fotografia nos cursos de Artes Visuais e também de Comunicação Social, Jornalismo e Relações Públicas na UEL/PR, desde a fotografia analógica.

Defino a imagem como: *“uma configuração visual geradora de sentido”*, portanto, nenhuma imagem é inocente, quer em relação a quem a constrói, quem a veicula e quem a vê e interpreta, logo, com ou sem “intencionalidade” uma imagem, depois de realizada e, principalmente, publicada, acomodar ou estimular diversas interpretações e sentidos, para o bem ou para o mal.

Há que se pensar um pouco no contexto da liberdade de expressão. A Constituição Federal em seu inciso V - Da Comunicação Social nos artigos: 220 e parágrafos subsequentes define: *“A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição. § 1º Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV. § 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística”...*

É nesta linha de pensamento que o Jornalismo se insere e se destina a prestar um serviço à sociedade fornecendo informações que promovam o conhecimento, a consciência crítica e possibilitem análises sobre as circunstâncias sociais nas quais está inserido. Há uma questão subjacente a esta que é a tentativa de isenção e objetividade, o que também assiste as imagens, logo, são indesejáveis as manipulações de qualquer ordem.

A condução jornalística para obtenção de dados que irão ser processados e disponibilizados ao público segue um percurso previsível, conforme o chamado *Lead* jornalístico: quem, o quê, onde, como, quando, e por que tal fato, evento ou algo ocorreu. A coleta de informações no “campo” normalmente é feita por repórteres que seguem uma “pauta” dada pelo Editor que reúne, edita, transforma as informações em Notícias e as publica.

É o editor que resguarda a Linha Editorial da empresa jornalística é quem coleta, libera ou não as notícias e fotos para serem publicadas e, no caso da mídia impressa, nos periódicos jornalísticos e revistas. Neste caso nenhum texto, informativo ou opinativo, tampouco imagens são veiculadas sem que o Editor tenha sancionado. Neste sentido a fotografia que causou tal rebuliço, não tem apenas a mão da fotógrafa, mas principalmente do Editor.

Mesmo que a fotógrafa, por qualquer motivo, tenha se disposto a explicar seu processo “criativo”, isto não minimiza o fato de que quem escolheu entre as várias fotografias que ela deve ter tomado, apenas uma e aquela em especial. Como disse, não há imagem inocente, muito menos quando esta imagem é construída por meio de um processo manipulatório que é, *a priori*, intencional.

Quando se fala em fotografia, pode-se orientá-las para, pelo menos, duas vertentes possíveis: Informativa e Expressiva. Normalmente as fotografias de caráter jornalístico priorizam o aspecto informativo e se aproximam de uma visão documental, seja do momento ou da história, ao passo que as fotografias que priorizam a expressão se aproximam da Arte e, portanto, tem menor compromisso com o documental.

Não há qualquer empecilho para que as imagens no contexto da Arte manipulem, alterem, escolham, obliterem, destaquem ou recortem o que quer que seja. Ao contrário, quando as imagens são tomadas sob a égide da informação e da notícia se fizerem isto, incorrerão num erro crasso: reduzirão a credibilidade da imagem e conseqüentemente da mídia jornalística na qual são estampadas.

Este foi um dos efeitos deletérios que a empresa jornalística em pauta sofreu, boa parte das críticas tocaram exatamente nisto. É de estranhar que uma empresa com a história que tem, escorregasse de tal forma trazendo contra si pareceres desfavoráveis, especialmente por ser uma das primeiras empresas jornalísticas do país a contratar um *ombudsman* para aferir a qualidade ética de suas publicações.

Neste sentido, não se pode dizer que a imagem se refira a um fato em si, mas a uma construção narrativa ficcional que pouco tem de jornalístico. A fotografia não foi tomada diretamente de um acontecimento que envolvesse o presidente e o tiro, ou seja, não se assemelha a uma das imagens mais emblemáticas e chocantes como a tomada por Robert Capa, na Guerra Civil Espanhola, em 1936.



Esta imagem ainda hoje é contestada como resultado de uma montagem destinada a mobilizar os sentimentos do público em relação à guerra. Independente de ser ou não uma montagem, foi veiculada e causou os efeitos propostos.

Quero ressaltar que a imagem publicada na Folha é uma construção intencional entre a figura do presidente e um vidro, que sugere ter sido atravessado por uma bala e atingido o presidente. Neste sentido, se trata do uso de uma imagem não original ou tomada de uma ocorrência real, mas “tratada”, “alterada” por meio da superposição de duas tomadas, estranhas entre si, mas que constrói uma narrativa linear.

Segundo consta nos depoimentos da autora a ideia era a de mostrar persistência do presidente em face a capital estilhaçada pelo vandalismo. Não se trata da intenção que motivou a autora, mas sim do “Efeito de Sentido” que a imagem causou. Pode-se dizer que foi polêmica tanto em relação ao jornalismo quanto aos políticos, especialmente pelo fato do país estar vivendo um dos momentos mais tensos e caóticos de sua história recente.

Talvez caiba lembrar o provérbio chinês atribuído a Chiu Kung - Confúcio: “*uma imagem vale mais do que mil palavras*”. Esta parece ser a melhor definição para o efeito que tal imagem causou. Tanto é que, desde sua publicação a quantidade de pessoas, estudiosos, críticos e comuns que tomaram um tempo de seu dia a dia para comentá-la, enaltece-la ou denegri-la, de qualquer modo agitou os ânimos já tensos.

Obviamente, tal imagem está no contexto da liberdade de expressão, conforme aqui apontado no fragmento do texto constitucional, portanto, não cabe qualquer admoestação pela publicação. Contudo, sabe-se que na política destes últimos anos no país, a ideia de liberdade parece ter sido adulterada como um salvo-conduto para agir na contramão da lógica, da justiça, do bem-estar e do estado de direito.

Foi exatamente isto que levou ao caos institucional, às manifestações antidemocráticas, à depredação do patrimônio físico e cultural, bem como aos atos terroristas de destruição de redes de distribuição de energia elétrica. Ou seja, as tensões político-sociais estimuladas por diversos grupos de extrema-direita tem causado estragos materiais e psicológicos, especialmente aos mais ingênuos e ignorantes.

Acredito que o “Efeito de Sentido” que tal imagem provocou atuou como uma espécie de catalizadora de sentimentos: de um lado aqueles que foram reprimidos pela prepotência instaurada por ativistas radicais, de outro, dos próprios ativistas que viram naquela imagem a realização de suas ameaças e desejos mais explícitos. Ressalvo que esta é uma das muitas e possíveis leituras.

Cabe reforçar também que mesmo sendo a Liberdade de Expressão um bem coletivo e social não exime ninguém de responsabilidade ou de culpa quando o uso de tal liberdade afetar a outrem, quer sejam pessoas ou instituições. Se há liberdade há também responsabilidade. Não se pode manipular pessoas, informações ou quaisquer outros sistemas com fins que não sejam lícitos e coerentes com o contexto sociocultural.

Neste aspecto não se pode ignorar que as manifestações advindas da publicação daquela imagem extrapolou a dimensão pessoal da fotógrafa, a dimensão editorial do jornal e atingiu a dimensão social. Todavia, não significa que chegou ao estágio social da melhor maneira, mas provocou reações muito tensas e intensas contra a fotógrafa, o jornal inaugurando mais um ambiente de discórdia.

A fotógrafa se manifestou em redes sociais:

"Como eu já previa, o hate veio forte com essa foto do Lula:

- na foto tem quem veja morte, tem quem veja resistência, só um trincado, tem quem veja um sorriso atrás, o Lula arrumando a gravata. Não vou dizer o que vc tem que ver.

- fotojornalismo não é feito pra agradar. Minhas fotos são o espelho do meu olhar. Essa só é a forma como eu vejo o mundo.

Você pode ter o seu olhar, discordar do meu, tudo bem, o mundo é plural.

Sendo assim, vou ignorar absurdos como "apaga isso", entre outros hates, especialmente depois do dia 08/01."

As explicações da fotojornalista abrem duas possibilidades: Morte e Resistência, não deixa claro que versão a levou à escolha, contudo, ao selecionar para inserir sobre a imagem do presidente um vidro estilhaçado como se fosse o resultado da quebra por uma bala, conduz a leitura a para o primeiro tema que é negativo, mesmo tentando abreviá-lo ao dizer que o presidente está sorrindo, portanto, positivo.

Independente da posição da fotógrafa, já aponte que a responsabilidade da publicação não é dela, mas sim d Editoria. Neste caso o foco sai do plano da tomada da imagem e de sua manipulação, para a escolha da editoria de notícias. É provável que a escolha não levou em conta a intencionalidade de quem a produziu, já que a editoria teria a disposição centenas de imagens tomadas naquela ocasião.

Cabe pensar então qual a motivação da editoria e não o que a fotógrafa pensou ao produzir tal imagem. Ao que parece a editoria da folha deu voz à fotógrafa e se omitiu de prestar informações sobre sua escolha. Segundo algumas análises de outros jornalistas a Folha pecou ao usar uma imagem construída ao considerar que este tipo de comportamento não coaduna com o bom jornalismo.

Ainda no contexto das interpretações, é de se supor que a imagem final construída pela superposição evoca o contexto social e político em que tal imagem foi produzida: um momento de tensão no qual os ânimos estão “à flor da pele” e ainda rememorando os acontecimentos antidemocráticos de 08 de janeiro de 2023 que depredaram os três prédios da estrutura institucional do país em Brasília

Este sentimento de perda, de incredulidade que paira sobre as pessoas que prezam a democracia e um sistema de governo mais equânime socialmente, é recente e ainda se encontra na primeira fase do luto: a da negação. A sensação de incredulidade é bem este sentimento de “como isto pode acontecer”? Neste processo de busca de razões ou justificativas, surge uma imagem que agride o subconsciente.

Obviamente que não se pode culpar a fotógrafa ou mesmo a editoria da Folha, mas compreender que a culpa é da sequência de acontecimentos que vem sendo acumulada nos últimos anos e que o que se viu nas últimas semanas é a explicitação da ignorância, inconsequência, desinformação e barbárie. Daí a sensação de desamparo. Se já não bastasse a realidade a fantasia vem piorar.

Digo fantasia no bom sentido já que a imagem evoca uma situação distópica, mais distópica ainda do que a que se está vivendo no momento, daí a revolta, o segundo estágio do luto, a raiva. Espero que os outros não sejam necessários para o reestabelecimento da ordem e da razão. Falou-se também em Charge política, contudo as charges, em geral, focam a crítica aos maus feitos do poder, neste momento seria uma charge invertida.

O presidente teria sido vítima do “fogo amigo”, já que a linha editorial do jornal é menos conservadora e pratica o que define como: *“jornalismo crítico, apartidário e pluralista. Promover os valores do conhecimento, da solução pacífica dos conflitos, da livre-iniciativa, da equalização de oportunidades, da democracia representativa, dos direitos humanos e da evolução dos costumes”*.

Bem, acredito que esta “edição especial” tenha esclarecido algumas questões importante no contexto da fotografia, da informação e da Arte Visual no que diz respeito à construção de imagens. A ideia de edições especiais tem a ver com a proximidade do fato, do acontecimento que possa ter interesse para a condução editorial prevista para esta revista. Opiniões são bem-vindas.